



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 C.

Officinas de impressão—Rua da Atalga, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

As propostas de finanças

Desacreditadas como estão em Portugal as medidas legais, ninguém pensa em respeitar os decretos miríficos com que um qualquer estadista, chegado à última hora, pretende endireitar a economia nacional. No que, ao contrário, se pensa, é em iludi-los. É uma consequência da mau caminho que os negócios públicos têm levado em Portugal. O povo está escarmentado e desiludido. Perdeu a esperança em melhores dias, perdeu a fé nos destinos do país. Os do governo agravam-lhe os tributos. O povo pagará. Mas pagará apenas aquelas contribuições a cuja satisfação não puder eximir-se.

De resto, o Estado não tem, em boa verdade, o direito de vir pedir-nos mais contribuições, enquanto deixamos correr, por essas repartições, um regabão desmedido, desordenado, impudico. Vê-se bem que as propostas financeiras ultimamente atamancadas não têm outra virtude além da de agüentar por uns meses mais a desmantelada baraca do Estado. Não se pensou em modificar, desde os eixos primários, o funcionamento económico do país. Deixou-se o mal incolme, para que cresça, para que alastre. Quem come, continuará comendo; quem goza, continuará gozando. Em contraste, quem paga, passará a pagar mais, a pagar o dobro ou a pagar o décuplo. Há o intento de sacrificar apenas os que trabalham, os que honestamente se têm mantido apegados à sua tarefa útil, evitando-se cuidadosamente, religiosamente, bulir naqueles que precisamente deviam ser irradiados de seus nichos e cogitados a executar, finalmente, alguma coisa de prestável, sem contemplações, pois deve estar folgado e apto a fadigas tarefas quem durante tanto tempo tem permanecido em ociosidade bem remunerada, na sombra fresca dos edifícios públicos, sem cuidar do justificar os ordenados fartos que o Estado lhe prodiga.

Muito ingenuo será quem supor a nova orientação governativa capaz de modificar para melhor a situação do país. Do que o organismo nacional precisa é de podas desapiedadas, é de amputações corajosas—tudo isso com o fim de extirpar os membros mirrados, os ramos ladrões, como se lhes chama em pomieultura, esses ramos que não dão frutos mas

absorvem seiva, que não aumentam o valor da árvore mas a sobrecarregam com o seu vórtex parasitário.

O actual governo optou pelo processo da sangria; mas esqueceu-se que o sangue da nação está cada vez mais fraco e dessorado, desse sangue onde o governo intenta ir buscar energias para viver e prosperar. O aumento da circulação fiduciária, acréscimo das fleiras burocráticas, a conservação dos efectivos militares, a opulência da guarda republicana, são outras tantas causas do pauperismo nacional. É verdade que nenhum Estado viveu até hoje dentro de uma coisa que não fosse o sangue do povo. Mas esse clássico vampirismo do Estado só dá resultado quando se aplica oportunamente. Levado a efeito no nosso país, em semelhante transição, o expediente não fará mais que agravar a situação do país, embora com proveito e glória de estadistas cujo génio se supõe agora suficientemente amadurecido.

E afinal, a crise do país não é irreversível. Um pouco de boa vontade, um pouco de boa fé e chegaríamos, dentro de poucos meses a pôr a nação numa situação muito outra que não a actual. Que caminho se deveria então seguir? Procurar as verdadeiras causas do mal—e elas mostram-se tam evidentes!—e aplicar-lhes o preciso remédio. Isto representa aumentar a produção, restringir os direitos dos proprietários, descongestionar o Terreiro do Paço, licenciar os estacionários agalados que andam, pelas portas dos cafés, a pulir-lhes as hombradeiras da entrada, tornar obrigatória a excepção duma tarifa útil—aplicar, à guisa de curativo, um pouco de boquevismo no combalido organismo português.

Se falta a coragem aos partidos burgueses para apresentar o realizar um tal programa, assim enérgico e sincero, assim profícuo e honesto, que o digam, que o confessem. Não procurem ludibriar hipercriticamente as dificuldades. Não venham apresentar como remédio definitivo o que não passa de mero paliativo, o que não representa mais que paninhos quentes, postos sem convicção, a fingir que há o intuito de curar um mal que se aprofundou já e só pode dominar-se com mais asiduas e eficazes medidas de terapêutica social.

A Inglaterra e a Rússia

O governo inglês não quer afastar-se do entendimento de Julho

LONDRES, 2. — O governo inglês não tem conhecimento oficial de que Krassine tenha sido chamado a Moscova como ontem foi publicado num telegrama daquela cidade. Também é menos verdadeiro como foi dito por Moscova que o governo britânico se esforça por se afastar do entendimento que se tinha feito em Junho último. — Rádio.

A Rússia dos Soviéticos responde enérgicamente

VARSÓVIA, 2. — Um comunicado oficial de Moscova faz comentários acerca da decisão do governo dos soviéticos, permitindo que Krassine permaneça em Londres.

A imprensa russa acusa o governo inglês de subversão e adiantamentos para ludibriar os acordos de Julho passado.

A Inglaterra pretende fazer com o seu projecto um certo número de obrigações ao governo dos soviéticos sem lhe conceder qualquer reciprocidade. Só um estado vitorioso poderia pretender impor ao vencido as condições que a Inglaterra pretende impor à Rússia, que se não considera um país derrotado e que embora deseje ardentemente restabelecer as relações com o estrangeiro não aceita ultimata abjectos.

A humilhação tem necessidade da paz da Rússia como base para uma reconstrução pacífica moral. Na conferência para a paz de Riga, os soviéticos mostraram repetidas vezes a sua boa vontade em fazer concessões mas a Rússia não aceita ultimata abjectos. A humilhação tem necessidade da paz da Rússia como base para uma reconstrução pacífica moral. Na conferência para a paz de Riga, os soviéticos mostraram repetidas vezes a sua boa vontade em fazer concessões mas a Rússia não aceita ultimata abjectos.

A BATALHA vende-se em Abbeville, 18.

Até quando?..

Decididamente a actual vereação faz jus a uma tremenda catástrofe. Só desta pobre cidade de mármore e granito à beira-mar plantada era digna tam preclara edificação. Não há carros, não há água, não existe limpeza, o serviço de incêndios é deficientíssimo.

Logo remédio pronto aparece: transforma-se o brazão da cidade! Contudo não seremos nós os Catilina de tam acacianos vereadores. Pelo contrário, inclinamo-nos reverentes. Sempre no nosso espírito existiu admiração pelo belo-horrorível.

Natural é pois que nos sintamos vibrar perante o portentoso imbecil. Merece das inteligências máximas de cujas resoluções saem quando a dentro do edifício do frontão, as mais irrisórias medidas, Lisboa encontra-se hoje numa situação muito superior à das outras cidades europeias e até... africanas.

Temos porcaria a rodos por essas ruas fofas.

A lama é tanta em dia de chuva que mal se distingue o passeio do resto do pavimento, etc., etc. Um aglomerado de belezas que nos prende e que não pode deixar de atrair a visita e admiração dos estrangeiros, que mais não seja... a raridade.

No que diz respeito à limpeza nada há que dizer a não ser que... nada se faz. Exageramos. O serviço de limpeza e, por um sentimento de justiça, não esqueceremos o respectivo vereador, tem, nos últimos tempos, sofrido um tal excesso de trabalho que a avaliar pelos factos, não pode... com uma gata.

Afirmamo-lo sem receio de desmentido: o actual vereador do pelouro de limpeza e todos os seus insubordinados, não podem com uma gata pelo....

A prova encontram-na todos os que nos leem ali na rua Garrett, uma das artérias mais concorridas de Lisboa.

Se encontra, estendido na valeta desde da manhã de ontem, um cadáver de um pobre bicho a que vulgarmente se dá o nome de gato, mas e qual nós, por conveniência própria, atribuímos ao sexo frágil da espécie. Escusado será dizer que, habituados como estamos ao zelo da actual vereação, só podemos atribuir a um exortamento de forças da sua parte, o facto vergonhoso de, numa rua como aquela, se demorar tanto tempo, exalando odores de putrefacção e coberto de vermes, o cadáver do pobre bicho.

Não resistimos pois ao desejo de aliviar uma subscrição para compra de pilulas reconstituintes afim de fortalecer suas excelências os actuais vereadores e fazê-los sair do marasmio em que se estão delinhando.

As greves

Marítimos de Cezimbra

CEZIMBRA, 31. — As comissões de operários e patrões conferenciaram ontem afim de acordar nas bases do contrato futuro para solução da greve. São delegados por parte dos operários: Custódio Rodrigues, P. dos Santos e António Pereira Rosa; por parte dos patrões: Manuel da Silva, Rogério Neves, Palmela. A classe está plenamente satisfeita pela escolha daqueles camaradas para a comissão dos operários.

O operário Zacarias, que tinha sido preso e agredido, ainda não foi posto em liberdade.

Calafates e carpinteiros navais

Reunidos em assembleia mista para apreciar estado de andamento da reclamação de aumento de salário para dez escudos, após o relato dos trabalhos da comissão, resolveram continuar a luta encetada até completa satisfação das suas reclamações; continuar a contribuir com parte da sua luta para as camaradas em luta mais necessitadas ou seja 10300 por cada período de 6 dias que trabalhem. Tendo sido comunicado à assembleia, que o camarada da construção civil, despedido dos Transportes Marítimos por se recusar a executar um trabalho abandonado pelos reclamantes, desistia da sua luta para receber, visto já se encontrar a trabalhar, a assembleia tomou esse facto na devida consideração, sendo aprovado por aclamação um voto de louvor ao mesmo camarada pelo seu gesto. Ao encerrar a sessão foram levantados vivas à organização operária e à União das duas classes.

Manufatureiros de calçado do Barreiro

Os manufatureiros de calçado do Barreiro encontram-se em greve. Reclamam 40 % de aumento, porém não querem dar mais de 20 %.

É conveniente que nenhum camarada da nossa localidade vá trabalhar para o Barreiro; assim de não atrair os seus camaradas em luta.

No Polo Norte

É encontrado o pau de bandeira ali colocado pelo almirante Perry

LONDRES, 2. — O pau de bandeira colocado pelo almirante Perry no polo norte, foi descoberto pelo capitão Godfred Hanson, o explorador dinamarquês das regiões árticas. O pau de bandeira foi descoberto a 400 milhas do pólo. O capitão Hanson atribui isto ao movimento dos blocos de gelo. — Rádio.

Uma piedosa manifestação

O enterro de José Cebola

Realizou-se no último dia do ano findo o enterro do nosso presado camarada José Cebola. O acto constituiu uma imponente manifestação operária. Mais de 10.000 pessoas tomaram parte no funeral, acompanhando até à última morada o que em vida foi um trabalhador esforçado da causa dos oprimidos.

DEBATE DE OPINIÕES

Análise de factos

Erros de propaganda

O Sindicalismo não é só um corpo de ideias; pode ser também um sistema de práticas sociais.

Não são absolutamente cousa alguma dentro destas práticas sociais, as greves pelas greves, isto é, os movimentos pró-aumento de salário ou diminuição de horas de trabalho. Estas manifestações operárias, que se nos deparam a todo o passo, são simplesmente manifestações dum estreito corporativismo, mais nada.

Tais manifestações, são o meio mais simplório de levar as massas ou de satisfazer a sua instinto inconsciente, mais bestial que humano. Dizemo-lo e provamos-lo.

Ouvimo-lo dizer e vemo-lo até escrito, aliás por criaturas sinceríssimas: «isto está tudo podre»; «A sociedade burguesa está na agonia»; «Aproximamo-nos da nossa desforra», etc., etc. Desnecessário se torna apontar mais frases de efeito para convencer as massas a caminhar. Mas a caminhar para onde? Para o vazio? Não se sabe, porque nada se pode definir na directriz da multidão, porque ela não tem compreensão alguma desses factos que à sua volta ocorrem, porque ela não tem ideal; ela só sente no fundo do seu Eu isto: libertar-se do desconhecido, emancipar-se do jugo atroz; é o seu grande Eu. Eu multiforme, incolor, que a chama para quê? Para onde? Ela não sabe definir. É o desconhecido, é o além, ou antes: não é nada porque tudo é nebuloso.

A multidão é sempre a multidão. Ela fez-se matar no passado, sob o jugo dos princípios que haviam sido rígidos pela sua grandeza moral e que deram na baixa dos últimos dias de Roma, nos antros, entre sagrados e tenebrosos, das catacumbas, catequizada pela palavra incandescente dos apóstolos do Evangelho. O seu sonho suavíssimo de fantasia levou-a a fortalecer o monstro, dando seu sangue em holocausto ao triunfo da palavra sagrada dos apóstolos.

Foi ainda esse sonho de fantasia que a atraiu, nublante, para os degraus dos patibulos, a ouvir, entre o gozo alvar, os gritos das vítimas, nas fogueiras da Santa Inquisição.

Pois muito bem. Crime que a grande lei da vida pune, mas que a consciência de todos os indivíduos bem formados e preparados deve repugnar, comete quem a insensatez e desorienta, com palavras vãos de sentido e de utilidade, com frases abstractas, só próprias da ignorância ou da má fé, de ociosos berradores das turbas.

Basta de abusar da morbidez de inteligência da multidão. Basta de a incensar com palavras que a desorientam fazendo-lhe supor a posse de uma força que não tem, perdendo-a, com a excitação produzida no instinto animal, para o crime, para o grande crime da destruição de tudo em que vivemos, porque o que está feito, bem ou mal distribuído, está feito, e é pelo menos tam bom como tudo o que a humanidade pode ou tem podido fazer até nossos dias, e nada mais.

O produto do trabalho de sucessivas gerações humanas, e não só de operários, como amedeio ouvimos dizer: é a priori, o produto do trabalho do cérebro, secundado pelo trabalho dos anátemos que constituem, na sua maioria esmagadora, a multidão.

Mentem criminosamente aqueles que, para a incensar, supondo-se conscientes do papel que desempenham, escrevem e dizem: «O momento final do teu sofrimento está a chegar; prepara-te para a desforra!»

Este grito nublante, transbordando de ódio, quasi sempre bem intencionado, é certo, é um crime de lesa-humanidade; é o convite à destruição; é o convite a cães é guiar os passos da multidão para a idade da pedra; é levar, de venda nos olhos e a passo incerto, para o caminho da tortura, a sempre besta criança.

Esquecem-se de que é hoje impossível voltar atrás, de que a idade da pedra passou, e que a multidão não tem faculdades criadoras nem directivas, porque não pode tê-las.

Esquecem-se que existe essa larva pequenissima e microscópica que é o Eu, e a que a todo o indivíduo imprime, como um ferrete, a ambição de independência, sem um estorvo, sem uma reia, no caminho da conquista do ignoto, do imponderável, sem outro ditame que não seja o instinto que lhe segreda: caminha, calca, esmagas, mas possa tu só.

Não delinham essa máxima intuitiva

de que classe pertencerão as mulheres da hortaliça e do peixe e tantas outras vendilhonas que, descalças, mal postas, parecendo pobres, me exploram e a todos nós sem excepção, numa ferocidade bronca de se emanciparem! A que classe pertencerá o homem do fígado, do leite, e tantos outros, que se esquivam a um trabalho honesto, sonem generoso e com êxito negociem, explorando sempre o mais que podem, sem cuidar dos seus semelhantes, na mesma abstracção feroz de emancipação irrealizável?

Não são burgueses, no sentido vulgar do termo, porque os vejo andrajosos; não são operários, porque me exploram. O que são então?

João Jorge COUTINHO

AMANHÃ

Uma opinião

Artigo de A. Botelho

Na America

Diz-se que a Rússia quer provocar movimentos nos Estados Unidos

WASHINGTON, 2. — O sr. Wilson, secretário do estado de trabalho, numa carta para o advogado de Ludwig Martens, embaixador dos soviéticos, que foi expulso por ordem do governo americano, diz que enquanto o governo dos soviéticos se esforçar por provocar uma insurreição nos Estados Unidos, os delegados dos soviéticos neste país serão deportados, sem que isso diminua a amizade da America para com os russos. É evidente que a ditadura militar que domina na Rússia apropriou-se de largas somas para provocar movimentos na America e que isso tem que ser evitado a todo o custo. — Rádio.

Terminaram as hostilidades — O poeta abandonará a Itália

LONDRES, 2. — Dizem de Roma que se podem considerar terminadas as hostilidades com Fiume. Os delegados da cidade acclamam os termos do general Cavaglia e o disposto no Tratado de Rapallo. D'Annunzio prepara-se para abandonar a Itália, provavelmente com destino a França. — Rádio.

TRABALHADORES: Lede e propagai a BATALHA

NOS CAMINHOS DE FERRO PRESENTEMENTE HÁ ISTO:

DESORDEM E CONFUSÃO

Nada: nem combóios, nem máquinas, nem linhas. Apenas constantes perseguições

Quem duvide—viage, viage!

Falham-nos os termos para classificar o procedimento do governo perante o regime de violência e de arbitrio que Raúl Esteves implantou no Sul e Sueste, subordinando à sua vontade e aos seus caprichos não só os ferroviários, mas também o público, que, aspirando pela terminação da greve, supôs ingenuamente que se modificaria a situação irregular dos serviços ferroviários.

Noutro país, onde os homens de Estado sabem compreender a gravidade dos problemas económicos que afectam os povos, terminada a greve, o governo teria exigido a imediata normalização de serviços tam importantes como são os dos Caminhos de Ferro, fazendo cessar a anormalidade provocada pela própria greve, e exigindo responsabilidades a quem de direito, se em vez de se provocar a classe ferroviária se provocasse a normalização. É que em Portugal é sobretudo o ódio e o rancor de má dória de políticos, antichados numa administração, do Estado que se exterioriza, com o consentimento do governo e até com o seu aplauso.

Parte do público ignora ainda hoje como se encontram os serviços ferroviários do Estado, especialmente os do Sul e Sueste, onde tudo continua como em plena greve, notando-se por toda a parte as perseguições e as arbitrariedades contra o pessoal, sem respeito pelos regulamentos, e sem preocupação pelas consequências que dessas perseguições poderão resultar.

Vai hoje A Batalha, mais uma vez, pôr a nu o que se passa no Sul e Sueste, para que ao menos haja neste país um jornal que tenha a honrabilidade de atacar o mal que a outra imprensa, que contra os grevistas tanto protestou, se cala covardemente perante a incompetência dum militar, que apenas continua a satisfazer ódios torvos, ódios que também lhe são inspirados, pelos chefes de serviço e pelos inspectores ferroviários.

Vamos, pois, citar factos, desafiando quem quer seja a que me refute, inclusive a própria direcção do Sul e Sueste, a qual, para esse efeito, tem estas columnas à sua disposição.

A circulação de combóios está limitada ao seguinte:

Diários para o Alentejo, apenas um de ida e outro de volta.

Para o Algarve, e Mora e Évora, realizam-se alguns combóios eventuais.

Para Aldega e para Montemor, não há combóios. Isto quanto aos combóios de passageiros, porque os de mercadorias estão reduzidos diariamente a dois directos a Beja e um a Setúbal, realizando-se alguns mais, mas eventuais.

Evidentemente que esta anormalidade de serviço de combóios está agravando consideravelmente a situação económica das populações do sul do país. Qualquer passageiro que tome um combóio às 8 horas da manhã em Lisboa com destino a Vila Real, suportará uma viagem de três dias, para conseguir chegar ao destino.

Esta viagem fazia-se antes da greve em 12 horas apenas.

A incapacidade de quem dirige o serviço é manifesta, de nada valendo as providências que até agora se tem tomado para modificar esses serviços, que são uma verdadeira lástima.

Por toda a parte surgem empregados superiores, a dar ordens e contra ordens, mas sem resultado apreciável, porque o objectivo que, especialmente visam é a perseguição acinosa ao pessoal e não o melhoramento dos serviços.

Quem agora viaja no Sul e Sueste, tem a impressão de que a greve não terminou, pois que por toda a parte se existe a confusão e o caos.

No entanto, sobre a terminação da greve, e são já decorridos mais de vinte e tantos dias, Raúl Esteves, Santos Viegas, Pinto Osório e tantos outros chefes teem, durante este lapso de tempo, empregado a sua actividade apenas em perseguir, vexar e violar o pessoal ferroviário, não estando ainda admitidos aos serviços todos os ferroviários.

Que importa que o país continue sem combóios, se o mais importante é que a vingança se exorta, embora isso acarrete milhares de contos de prejuizo?

Mas há mais: a maneira como o director Raúl Esteves está apurando responsabilidades é ilegal e arbitrária. Uma leve informação dum chefe de serviço é suficiente para que um requerimento seja indeferido e o requerente demittido, sem mais formalidades.

Duma maneira geral, depois de tanto se cansarem em reclamar o respeito pela lei, esfarrapam os regulamentos, saltam sobre os próprios decretos que fizeram, e demittem, sem processo, promovem reformas, impõem transferências, quebram a disciplina hierárquica, fazem enfim quanto querem e teem na vontade.

Emquanto procuram tornar responsáveis por alguns actos, que consideram de sabotagem, muitos ferroviários, deixam impunes os roubos de ferramentas,

material, cabedal, mantas, mercadorias, roupas e até dinheiro que no Barreiro, nas oficinas gerais, na Rotunda, nos armazéns, em Casa Branca, Évora, Beja, Faro, por toda a parte enfim, fizeram os militares, sem escrúpulos e sem rebuço, roubos que atingem centenas de contos, mas que até hoje ninguém averiguou e tornou público. Impunes ficarão também aqueles dos inspectores que durante a greve traficaram, à sombra dos lugares que ocuparam, recebendo chorudas gorjetas pelo fornecimento ilegal de vagões, e outros negócios que fizeram, dos quais entraram até alguns oficiais. Impunes ficarão os actos de destruição, que militarmente se praticaram, sobre o material ferroviário, cujas consequências agora se estão sentindo pela falta de máquinas, na sua maioria destruídas pelo vandalismo que durante setenta dias ia arrazando a rede ferroviária do Sul e Sueste.

Aos responsáveis por esses crimes ninguém pedirá responsabilidades, porque eles foram cometidos com o consentimento de Raúl Esteves e do governo, mas aos ferroviários pretende-se imputar responsabilidades que não teem, por delitos que não cometeram.

Quanto a ficar grave, mas mais grave é o facto de se não procurar normalizar os serviços, dando ao pessoal o que se lhe deve dar, em vez de o deixar vegetar na maior das misérias, como está sucedendo.

A incúria é tam grande que a linha oferece alguns pontos, um gravíssimo perigo à segurança dos combóios, pelo estado deplorável em que se encontra.

Se não se atende à situação do pessoal e se as perseguições não cessam, em breve teremos porventura de registar alguns desastres de consequências funestas, porque sabemos o estado em que tudo se encontra, não se fazendo reparações porque o tempo tem sido pouco para determinar perseguições.

Para terminar este triste sudário, afirmamos eloquentemente da incompetência técnica e política dos dirigentes burgueses, embora certos de que não obteremos resposta, desejamos pregar ao governo, onde se fundamenta a direcção ou o conselho de administração para estarem fazendo nomeações contrárias ao espírito da legislação que rege os Caminhos de Ferro, atropelando-se os direitos de antiguidade e de concurso de pessoal que foi grevista, como está sucedendo no serviço de tracção do Sul e Sueste e na revisão de bilhetes?

Se a imprensa quizesse falar a linguagem da verdade, mantendo a linha de independência que afirma possuir, mas que os factos terminantemente desmentem, em vez de dar guarida nas suas columnas a informações suspeitas e capciosas, que só servem a ludibriar o público, enviaria redactores seus através da linha afim de averiguarem do verdadeiro estado em que se encontram os serviços do Sul e Sueste, como nós fizemos, na certeza de que se tivesse por norma ser imparcial havia de concluir, como nós concluímos, que esses serviços são, presentemente, a confusão de todos os elementos, a desordem mais absoluta.

...

As reclamações dos trabalhadores dos jornais

Reúne hoje, às 17 e meia horas, na sede da Federação do Livro e do Jornal, os delegados deste organismo, da Associação dos Trabalhadores da Imprensa e da dos Distribuidores de Jornais, para apreciar as respostas das empresas jornalísticas e resolverem sobre o caminho a seguir.

...

Em Espanha

Foi encerrada a fábrica nacional de tabacos

MADRID, 2. — A fábrica nacional de tabacos de Logronen encerrou-se infinitamente devido a dificuldades entre os directores do monopólio e dos operários.

O governador civil esforça-se por resolver a questão e continua recebendo queixas de todo o distrito por causa da falta de tabaco. — Rádio.

O Congresso Socialista de Tours

A burguesia francesa irritou-se com a presença de Clara Zetkin

PARIS, 2. — A vinda de Clara Zetkin, ao congresso de Tours, teve a sua repercussão na Câmara dos Deputados. O ministro do interior foi interrogado pelo sr. Valla e pelo sr. Leon Daudet e Cachin. O sr. Steeg, afirma vigorosamente a vontade do governo francês de se opor a todos os movimentos revolucionários, de os reprimir e desbaratar a França dos elementos estrangeiros indesejáveis que a encham. A câmara aprovou as declarações do ministro por quatrocentos e cinquenta e um votos contra cinquenta e quatro. — Rádio.

SINDICALISTAS E SOCIALISTAS

Um manifesto de C. N. T.

Devido às perseguições cruéis feitas pela burguesia espanhola ao proletariado revolucionário e à organização sindicalista, a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, dirigiu aos trabalhadores de todo o mundo um manifesto, no qual acusava a União Geral dos Trabalhadores de ter atraído a causa operária, entregando-se às lutas eleitorais e abandonando os seus camaradas da C. N. T.

A União Geral dos Trabalhadores, dirigida por socialistas, respondeu à C. N. T., com um manifesto do qual recordamos alguns períodos e duas frases, que publicamos. Pretendia a U. G. T. desculpá-se, alegando ignorância do meio de luta que os sindicalistas iam empregar, tomando dele conhecimento depois de começar a ser empregado. Esse meio de luta era a greve geral, com a qual eles, socialistas, não estavam de acordo nesse momento. Por isso não ordenaram os trabalhadores seus aderentes que a secundassem. E com esta resolução julgaram ter prestado um grande serviço à causa operária.

Respondendo a esse manifesto a Confederação Nacional do Trabalho, fez distribuir profusamente um outro redigido nos seguintes termos:

«Camaradinhos: Saúde.

O último manifesto publicado pelos burocratas da União Geral de Trabalhadores obriga-nos, bem a pesar nosso, a ocupar-nos, embora seja por uma vez, com o carácter definitivo, da tração que ao proletariado fizeram novamente os que, mais ciosos do seu bem-estar particular que do melhoramento colectivo duma classe que devidamente representam, tudo sacrificaram aos fins que ambicionam.

E a vós, operários da fábrica, da mina, da oficina, de tudo quanto significa na vida actividade produtiva, que nos dirigimos. E a todos os que, como nós, sofrem o diário e odioso jugo do capitalismo, que recomendamos a leitura do que firmam os emancipados do salário burguês, para ver que não são os fazem gala da sua tração, como dessem ao vir papel de delatores, denunciando as autoridades os métodos e táticas de luta que fomos empregar neste momento de luta intensa e citando o nome do companheiro, já em poder da justiça, que foi comunicar-lhes os nossos acordos verbalmente.

Pensai em tudo isto e tirai as devidas lições. Vede ao que conduz o facto de os de baixo considerarem desde aqueles que se julgam chamados, por seus dotes de inteligência privilegiada, segundo eles, a conseguir a felicidade de todos. Da vossa opinião não se faz caso considerando-vos seres falantes de critério. Porque? Porque continuais, à guisa das instituições burguesas, pagando a uma homens soltos elevados, os quais não tendes desfrutados nos antros de exploração, para que pensem por vós, para que vos deem opiniões feitas.

A nossa norma é a sinceridade; sabemos positivamente que ao vir ao campo da luta social, os seus sabotadores e desgraçados podemos encontrar, e como o nosso velho companheiro Anselmo Lorenzo dizia aos jovens que vinham solicitar dele um conselho nos últimos dias da sua vida, também vos dizemos: «No nosso campo não há prebendas. Em 53 anos de luta e 72 de vida, não tive mais

satisfação do que cumprir os meus deveres de homem livre e honrado e conseguir que me considerem agora como um bom homem». Convoquei estaremos sempre; com os vossos dirigentes assalariados, nunca.

Por isso enviamos com data de 23 do corrente, a seguinte carta ao organismo traidor, comunicando-lhes a ruptura do pacto, que foi apoiada por toda a nossa organização em péso:

Ao comité da União Geral dos Trabalhadores.—Madrid.

Estimados camaradinhos: Recebemos a vossa carta, datada de 17. Supomos em vossa poder o acordo deste comité com data de 15 vos enviámos dando por desfeito o pacto, que, no nosso entender, não podia ter outro destino senão para tratar de evitar as deportações de militantes operários, e se estas chegassem a efectuar-se, exteriorizar o nosso protesto não onde se pudessem chegar, se bem que não nos desiludamos de que de tal protesto viesse a derrogação do regime capitalista, os efeitos os produzisse que a burguesia havia de experimentar seriam grandes e a guns irremediáveis.

Pretendiam continuar encerrados na vossa torre de marfim. As consequências da vossa decisão tocaram muito de perto sem que por isso a vossa situação tenha melhorado. Os continos ataques que em diferentes lutas, e em diferentes tempos, dirigidos não vos proporcionararam nenhum posto mais no galinheiro nacional, do que nos alegamos sinceramente. E alegamos-nos porque sendo as ideias que representamos e a orientação do estatismo governamental, igual a de todos os partidos burgueses, tanto nos importa que o nosso partido seja considerado conservador, liberal, republicano ou socialista, para que o seu trabalho a favor do proletariado seja completamente negativo.

Os factos falam por nós em épocas passadas na Alemanha, como hoje falam também em França.

Esperando que rectifiqueis o critério que mantendes no que respeita à questão social e que com factos, não com palavras, trabalheis pela união do proletariado espanhol e pela sua total emancipação, fica vossa e da causa do Trabalho, pela C. N. T. O Comité.

Para terminar dizemo-vos, embora fosse desnecessário, que estamos no mesmo lugar de sempre. Poderão, momentaneamente, abater-nos, por salvar-nos governamentais; mas temos a convicção plena do nosso triunfo, que há de ser o dos belos ideais. Mais de um milhão de federados conta o nosso organismo. Um milhão de sindicalistas que não confiam no triunfo dos seus ideais por meio de favoritismo e da claudicação.

Um milhão de produtores que sabem que a mais leve melhoria arrastará a burguesia a necessidade de vitimá-los. Um milhão de operários que crescem continuamente apesar de todas as perseguições e de todas as infâmias perpetradas pelos homens que detem o poder.

Poderão exterminar-nos? Julgamos que não. Os factos assim o demonstram.

Contra toda a justiça nos colocam fora da lei; por cima das leis escritas estão as leis humanas e elas nos levarão ao triunfo da justiça.

Pela Confederação Nacional do Trabalho. O Comité.

Este manifesto que foi enviado à Confederação Geral do Trabalho parece lançar mais luz sobre a atitude dos socialistas espanhóis. Os boatos de que os sindicalistas iriam às urnas naquele país devem estar agora desfeitos. Um abismo profundo separa os sindicalistas dos socialistas de estado que para não perder supostas vantagens duma eleição, não hesitaram em abandonar a verdadeira causa operária.

A BATALHA

no Porto

Na cidade das tripas a gatuagem, aterroriza os habitantes. Facanhas e histórias. O porquê do desenvolvimento dos ratoneiros ilegais — Medidas estereis.

Porto, 29 — Uma das grandes preocupações que actualmente aflige a cidade tripeira, principalmente aquela que ainda tem valores para roubar, é a qualidade e a quantidade de ratos que nos últimos tempos se tem desenvolvido. Um clamor contra a acção audaciosa dos atrevidos ratoneiros «legais» se ergueu unânime a reclamar das autoridades «não só um melhor e mais profícuo policiamento da invicta e escuras, mas também uma batida, uma repressão energética, que extinga as quadrilhas de malfeteiros que estavam a ganhar terreno e predomínio. Não se trata já do empalmanço de carteiras, que de instantes a instantes se nota, vindo-se, de quando em vez, um atingido, afilto e em corrida vertiginosa, gritar «agarrá que é ladrão!», e ainda muito menos do engenho, «científico» e industrial «contro do vigário», que apesar de divulgado e reclamado pelos jornais, conta com um bom par de dentes de aderentes dispendiosos. O caso é mais grave: a gatuagem, inspirada numa coragem indomita ou liderada por um desespero de ódio, tem invadido, como nunca, o interior dos domicílios, num arrojado desmedido, tem assaltado, atrevidamente, num desprezo absoluto pela tranquilidade alheia, os pacíficos transeuntes; e tem, mesmo, à pedrada, se não a mão armada, atacado alguns automóveis burgueses, que se tem visto em palpos de aranha para se livrarem de boia! Contam-se histórias, facanhas, lances recambiosos, tais como de despirem, por completo, vários viandantes, forçados a recolherem a casa no triste estado de Adão, e de roubar os próprios guardas civis que se destinam a preservar os cidadãos de tão ruins patifes. Agora não há ganhamos de \$50; são todos de centenas de escudos para cima... e os jornais, embora em ligeiríssima crónica para não assustarem as gentes temerosas, disso nos dão uma amostra.

O clamor dos assaltados e dos prestes a ser incomodados, conseguiu das autoridades a formação dum legião policial, que todas as últimas noites, em sítios distancados do centro da cidade, procuram, de emboscada, catrafiar os insurrectos pioneiros do alheio.

As notas oficiais dão como coroados de bons resultados os esforços da polícia e da guarda; mas os factos, porém, provam, até certo ponto, o contrário: apenas o campo de operações dos gatunos são modificáveis, deslocando-se dum para outro ponto consoante as imperiosas circunstâncias o indicam e impõem. Rouba-se e assalta-se na mesma. Dir-se há que em cada habitante está um ladrão, dentro ou fora da lei, investindo-se reciprocamente numa disputa de posse do fruto da rapina. A desconfiança e os temores são gerais.

«Como não há de ser assim, se tudo quanto se está passando nos impõe, nos convida a deixarmos o respeito pela honra, preferindo roubar a deixarmos perecer de fome, tanto mais que não há ninguém que não pense em prejudicar o seu semelhante?»

Todos os géneros voltam a encarecer. O pão de 2.º vai ser rateado para os pobres, tendo cada bico só direito a 250 gramas diárias, para cujo cumprimento das restrições devidas são distribuídas cartas de família em forma de senhas, nomeando-se para distribuidores sargentos-músicos do exército e praças da guarda libertária. Este pessoal, para a manutenção da ordem — posto que se trata de fome — será auxiliado pela força policial. De passagem, devemos prevenir de que não vale reparar no facto de se escolher sargentos-músicos para cousas de subsistência. Pois não vemos nós, à saída da ponte D. Luís, em Gaia, soldados que quebram cascalho para desobstruírem o montão de pedregulhos que lá está? Assim fica mais barato, excepto no tocante aos músicos, que estes não de ser caros...

A empresa das minas de S. Pedro da Cova anuncia-nos um aumento no preço do carvão, baseando-se numa pretendida melhoria de salários do seu pessoal. A lenha tem preços variáveis e sempre crescentes. Fala-se em nova carnesta da carne. Os senhorios afirmam fíbril os alugueres das casas. O pão milio e de farinha triga de primeira, susto que o de segunda, a semente negra, a putreia intragável, é restringida, o mínimo do consumo, para dar lugar à venda do pão fino, vai certamente, encarecer, disso já se ouvem uns rumores. O azeite, o arroz, as massas, o bacalhau, as batatas, a hortaliça, etc., etc., não descem e, antes pelo contrário, alguns destes géneros engrossam no custo. Os passes da Carris custarão agora 200\$00, 140\$00 e 100\$00 no 120\$00, respectivamente da rede geral, da cidade e da sede antiga. E se é certo que o operariado não pode comprar passes, não é menos verdadeiro que ele vem a pagar as diferenças. O vestuário sempre caro. A câmara alarga os tributos e o Estado não só os alarga como agrava ainda. Como colorário supremo, os salários conservam-se estacionários e a crise de trabalho vai aumentando na metalurgia, na sapataria, na chapelaria, etc.

Vida cara e chonange! O que admira, pois, que a gatunagem ilegal aumente, se ela está na razão directa da gatunagem de alto coturno e da sombra dos códigos? A deslealdade dum provoca a deslealdade doutros. O roubo dum origina o apetite, o roubo dos outros. Uns, servindo-se dos artificios das convenções e das leis sociais, outros, impedidos pelas circunstâncias e pela miséria. Tanto vale a polícia como nada: a gatunada pobre aumentará sempre, porque as transacções mercantis prosseguem também sem descanso...

Mas as autoridades, não vemos isto, e criam legiões para dar batida aos gatunos não mercedeiros. Belo serviço! — C.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Joaquim Maria Rafael, às 15, da rua Penha de França, 30; José Anastácio, às 16, da rua de São João, 15; D. Leonor dos Reis Costa, às 16, da rua da Bela Vista à Graça, 88; José António Calista Costa, às 16, da rua de Santa Marta, 100.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE-Segunda-feira, às 21 horas-HOJE

Espectáculo da moda

ESTREIA

dos célebres artistas acrobatas

YETTA & MANEL

que fizeram um sucesso colossal nos

Circos Alhambra, Olympia e Nouveau

Cirque de Paris

Originalidade — Destreza — Elegância

Os notáveis acrobatas de balança

5 Clementes — 5

Os esplendidos ciclistas — 6 Evelinas — 6

FORTUNIO — Leopoldo e os

e os seus leões — seus emocionantes

equilíbrios

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

Federação de Indústria do Calçado

Ouro e Pêlo — Reúne, hoje o conselho

federal, pelas 20 e meia horas, para apreciar

o relatório do movimento da Federação

durante o ano de 1929 e saber quais as

associações que poderão a sua representação

dentro da federação por falta de cumprimento dos seus deveres para com a

organização.

A comissão apela para todos os delegados

que compareçam já reunidos atendendo

à importância dos assuntos a tratar.

Operários da Limpeza e Sanidade

Pública — A direcção deste sindicato pede

a todos os colaboradores do mesmo para que

compareçam amanhã, pelas 19 horas, na

sede do Sindicato, a fim de prestarem as

respostas necessárias, pedindo-se em especial

a presença do colaborador do 2.º cemitério

(ocidental) Prazeres.

Reúne amanhã a assembleia geral pelas

19 horas.

Pode também a comparecimento de todos os

camaradas que fizeram parte das Comissões

de Melhoramentos e de Propaganda dos

operários do município, amanhã, na sede do

Sindicato, T. Aguiar de Foz, 18, 1.º, pelas 19

horas, para tratar de assuntos de alta

importância e urgentes.

Operários Alfaiates — Hoje pelas 20 ho-

ras, reúne a assembleia desta classe, para

apreciar os relatórios de contas, oficinas

sindicais e outros assuntos.

AH! OS SENHORIOS!

Um estratagemma diabólico

Pertence o prédio n.º 48 da Rua do

Passadizo a um respeitável cidadão: o sr.

Virgílio de Carvalho, que reside num

dos andares superiores do mesmo

prédio.

O referido senhorio, ambicionando

por na rua os actuais inquilinos, para

aumentar as rendas, serviu-se para esse

efeito dum processo bem mais odioso

do que aqueles que geralmente são adopta-

dos pelos proprietários mais egoístas, posto

que suprimamos fosse difícil encontrar

expedientes que em repugnância

excedessem os que aqueles tem usado.

Fez apenas isto o homem: mandou

cortar o cano de esgoto, sabendo de antemão

que tal medida equivalia a tornar o prédio um autêntico

foco de infecção.

Assim sucedeu realmente. Cortado o

cano de esgoto, está uma parte deste

acumulando de dejectos e pelas fendas

sai um cheiro nauseabundo. Na escada,

que se encontra em miserável estado,

existe uma pia, que está entupida, encon-

trando-se a aquela escura e cheira de

dejectos, entre os quais predominam

peças de porcelana, dum porcelana de

miserável com o dia de Natal.

É claro que nós não confiamos na

eficácia das providências oficiais. Mas

entendemos que há lugar a perguntar

ao sub-delegado de saúde daquela área

se acha bem que a saúde dos moradores

daquele prédio esteja na iminência

de perigar por virtude de tam repugnante

aridil do respectivo senhorio, que é dos

que menos poderá sofrer, uma vez que

mora, como